

UMA OTAN CONFUSA E DESUNIDA: O LEGADO DE STOLTENBERG

Por Xia Wenxin*



O ex-secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg (VCG).

Sob Jens Stoltenberg, uma das principais contribuições da OTAN foi levar a guerra de volta à Europa, transformando o continente em um barril de pólvora.

O secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, encerrou seu mandato na terça-feira 1º de outubro, passando oficialmente o bastão da liderança do grupo para o ex-primeiro-ministro holandês Mark Rutte. Relatos na mídia sugerem que a principal tarefa de Rutte após assumir o cargo é manter a aliança militar transatlântica unida em meio à guerra na Ucrânia e à próxima eleição presidencial dos EUA.

Olhando para o mandato de 10 anos de Stoltenberg, podemos ver claramente como a OTAN, um bloco militar que deveria ser “defensivo”, evoluiu para um encrenqueiro proativo, constantemente enchendo a região e o mundo com crises, tumultos e conflitos. No geral, com base nos esforços provocativos e destrutivos da OTAN, temos que dar ao desenvolvimento do bloco na última década uma classificação completamente negativa.

Uma das principais “contribuições” da OTAN para o mundo foi levar a guerra de volta à Europa – à porta da maioria dos membros da OTAN. A causa raiz do conflito Rússia-Ucrânia é a expansão obstinada da OTAN para o leste, sem levar em conta as preocupações legítimas e razoáveis de segurança de Moscou. Como resultado,

é óbvio que agora há uma profunda divisão na segurança da Europa, e o continente se tornou um barril de pólvora.

Além disso, durante o mandato de Stoltenberg, o bloco militar transatlântico intensificou sem precedentes os esforços para estender seus tentáculos desestabilizadores para a região da Ásia-Pacífico. Para a maioria dos países regionais, isso expõe completamente a ambição do grupo de se intrometer em assuntos regionais e criar tensões militares com sua narrativa alarmista.

Outro desenvolvimento preocupante sob Stoltenberg é como a OTAN, na última década, agiu cada vez mais como um executor militar dos Estados Unidos globalmente, amplificando a influência política de Washington ao redor do mundo. Em vez de ser um líder da aliança militar, Stoltenberg é amplamente visto mais como um papagaio que continua repetindo as palavras e ações de Washington, um implementador da vontade dos EUA e um fantoche que realmente não pode controlar o futuro da OTAN.

Na verdade, o que Stoltenberg deixou para Rutte, o próximo líder da OTAN, é uma bagunça completa – o bloco está enfrentando vários desafios ao mesmo tempo.

Ao longo dos anos, a desunião dentro da OTAN cresceu significativamente. O alinhamento com as políticas de Washington frequentemente entra em conflito com os interesses de segurança ou preocupações de muitos membros europeus da aliança. Por exemplo, à medida em que o cansaço da guerra em todo o continente fermenta e as questões domésticas se tornam proeminentes, os países europeus estão questionando se devem continuar a fornecer ajuda militar e apoio financeiro à Ucrânia nesta guerra às suas próprias custas.

Em relação à questão da expansão do bloco na Ásia-Pacífico, que é claramente direcionada à China, mais membros da OTAN acreditam que o foco estratégico do grupo deve ser na Europa, mas não na região da Ásia-Pacífico. Confrontar e conter Pequim está no topo da agenda estratégica de Washington, mas não da Europa.

Além disso, para a OTAN sob Rutte, há uma ameaça mais urgente, ou seja, a direção futura da política dos EUA após a eleição presidencial dos Estados Unidos no mês que vem. Os EUA não são apenas a “alma” da OTAN, mas também seu principal provedor financeiro. No entanto, agora parece que um número crescente de pessoas dentro dos EUA está descontente com a quantidade de dinheiro que seu país gastou em alianças e na defesa de outros países. Portanto, com os EUA vendo mudanças na política interna, há um risco de que o país possa reduzir sua contribuição para a OTAN.

Analistas preveem que Rutte no comando não trará muitas mudanças ao plano estratégico geral da OTAN, que inclui instar seus membros a aumentar seus orçamentos militares, confrontar a Rússia de forma mais agressiva e expandir a influência da OTAN ao redor do globo, especialmente na Ásia-Pacífico.

Li Haidong, professor da China Foreign Affairs University, disse ao *Global Times* que Rutte, como um político europeu, fará maiores esforços para enfatizar o equilíbrio entre a Europa e os Estados Unidos dentro da OTAN; no entanto, a

própria estrutura da OTAN determina que o líder precisa agir de acordo com os desejos dos Estados Unidos ao planejar a operação do grupo.

Outra tarefa importante que Rutte, como novo líder da OTAN, tem que lidar é como ele vai navegar nas relações da aliança transatlântica com Pequim. Seguindo cegamente os passos de Washington, seu antecessor tentou criar uma versão Ásia-Pacífico da OTAN, enquanto repetidamente fazia declarações agressivas sobre a China. Está sob os holofotes se Rutte adotará a mesma abordagem em relação ao país.

Com muitas incertezas para a OTAN, que acabou de celebrar seu 75º aniversário, é improvável que o novo secretário-geral injete sangue novo nesta aliança ultrapassada. Parece inevitável que a OTAN continue a enfrentar divisões e conflitos crescentes em vez de alcançar maior unidade e coesão.

Publicado no [Global Times](#).

**Xia Wenxin é repórter do Global Times.*
